



Universidade Federal do Amapá

Luciana da Silva Melo
Nagoberto Rômulo Pinheiro Borges
Samara Brito do Nascimento

O uso de Histórias em Quadrinhos no ensino de Língua Inglesa: um estudo bibliográfico.

Macapá
2009

Luciana da Silva Melo
Nagoberto Rômulo Pinheiro Borges
Samara Brito do Nascimento

O uso de Histórias em Quadrinhos no ensino de Língua Inglesa: um estudo bibliográfico.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte das exigências para a obtenção do Título de Graduado no Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal do Amapá, orientado pela Professora Ms. Débora Oliveira.

Macapá
2009

ÍNDICE

<u>1. REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE GÊNERO</u>	<u>8</u>
<u>2. QUADRINHOS COMO GÊNERO TEXTUAL LITERÁRIO</u>	<u>9</u>
<u>3. UMA ABORDAGEM HISTÓRICA</u>	<u>10</u>
<u>4. PROBLEMÁTICAS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA</u>	<u>12</u>
<u>5. NA PRÁTICA: PRECONCEITOS E VANTAGENS</u>	<u>14</u>
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>18</u>
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	<u>21</u>
<u>APÊNDICE</u>	<u>24</u>
<u>ANEXO 1</u>	<u>27</u>
<u>ANEXO 2</u>	<u>29</u>
<u>ANEXO 3</u>	<u>31</u>

AGRADECIMENTOS

“Dedicamos essa realização à nossa Orientadora Professora Ms. Débora Oliveira
que nos mostrou novos caminhos no ensino de Línguas.

À nossa amiga Andréia Silva Costa que sempre nos ajudou a construir idéias.
E aos Professores do Curso de Licenciatura Plena em Letras que foram o firme
alicerce de nossa formação enquanto profissionais conscientes.”

“A minha família e pessoas mais próximas, que me apoiaram, compreenderam e
incentivaram nesse percurso rumo a uma grande realização.

Mas, acima de tudo, a Deus, que permitiu que tudo acontecesse com êxito.”

Luciana da Silva Melo

“A todos que me foram apoio constante.

à minha família que é a base de tudo que sou e tenho.

Aos meus amigos que são fundamentais.

E a Deus por sempre me proporcionar novas conquistas.”

Nagoberto Rômulo Pinheiro Borges

“Ao meu grande e maravilhoso Deus pela vida.

À minha família pelo carinho, apoio e dedicação incondicionais.

E ao meu amor que me inspira, compreende e ama verdadeiramente. Ele é toda
poesia que há em mim.”

Samara Brito do Nascimento

RESUMO

Este artigo visa analisar o uso de histórias em quadrinhos no ensino de Língua Inglesa em escolas regulares. Para isso, serão analisadas algumas perspectivas importantes como: discussões sobre gêneros textuais, local em que os HQs se encaixam; o surgimento e evolução desse gênero ao longo da história. Discutem-se também questões pertinentes ao ensino de Língua inglesa no Brasil, como suas dificuldades e entraves. Por fim apresenta-se o que de fato ocorre na sala de aula quando se trabalha quadrinhos, quais as problemáticas encontradas e quais as vantagens que corroboram a idéia de que a utilização dessa ferramenta pode ser muito produtiva.

PALAVRAS-CHAVE

Histórias em Quadrinhos, Ensino, Língua Inglesa.

ABSTRACT

This article aims at analyzing the use of Comics in the teaching of English Language in regular schools. In order to do so, some important perspectives will be analyzed: discussion about textual genders, place in which comics belong to and the beginning and evolution of this gender throughout history. It is also discussed some relevant aspects related to the teaching of the English language in Brazil, as well as its difficulties and barriers. Finally it is presented what actually happens in the classroom when one works with comics, the problems found and the advantages that support our central idea – the use of this technique can be very productive.

KEYWORDS

Comics, Education, English Language.

INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Inglesa no Brasil tem, ao longo dos anos, enfrentado muitas barreiras no que diz respeito à relação ensino/aprendizagem. Diante dessa situação, nós, enquanto pesquisadores e futuros professores da referida disciplina, apoiamos a utilização de HQs para ensino de Língua Inglesa, por acreditarmos que esta ferramenta pode facilitar em muito o ensino e o aprendizado de línguas estrangeiras nas escolas. O uso de HQs, evidentemente, não é a solução para a problemática relacionada ao ensino, nem talvez seja a única forma apropriada de ensinar Língua Inglesa, uma vez que são diversos os fatores que colaboram para o fracasso do ensino no Brasil; mas, se bem trabalhados, os quadrinhos podem contribuir significativamente na relação ensino/aprendizagem nas escolas de ensino fundamental e médio regular.

1. REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE GÊNERO

Os estudos sobre a questão de Gêneros Textuais não são novos, as questões pertinentes a ele já vem sendo percebidas e discutidas desde Platão, Aristóteles, Horácio e Quintiliano, passando por várias etapas quanto a sua definição e seu objeto de análise. Entretanto, somente nas últimas décadas do século XX é que houve uma maior preocupação em aprofundar esses questionamentos e desenvolver pesquisas realmente relevantes sobre o assunto.

Pode-se dizer que essas novas concepções de Gênero “estão na moda” já que a cada dia surgem mais e mais teorias sobre o tema, incluindo várias vertentes de estudo. Para Marcuschi (apud Candlin, 1977, p. 629) se trata de um “conceito que achou seu tempo” e vários estudiosos tem se interessado por ele, como: “teóricos da literatura, retóricos, sociólogos, cientistas da cognição, tradutores, linguistas da computação, analistas do discurso, especialistas no Ensino de Inglês para fins específicos e professores de língua.”

A questão dos gêneros desperta muitas discussões no meio acadêmico, principalmente por sua característica de pluralidade. Isto se deve a ênfase dada ao ensino da gramática e suas estruturas, e não aos gêneros em si. Por isso, desde muito tempo e até hoje, professores usam os gêneros textuais apenas para ensinar gramática e deixam de lado as características do gênero. No entanto, essa pluralidade, ao invés de se tornar uma dificuldade, pode ser uma aliada dos educadores já que o mundo em que vivemos não pode ser isolado do ensino. Deve-se, então, trazê-lo para dentro de sala de aula, desde que se atente para o que é fundamental considerar quando se escolhe um gênero textual para ser trabalhado, ou seja, é preciso responder questões como: o que está ligado à realidade do aluno? O que ele quer aprender? Qual gênero melhor se enquadra no ensino?

O estudo dos gêneros textuais se tornou uma questão ainda mais fértil na área interdisciplinar do funcionamento da língua, já que a concepção de texto se desenvolve e pode ser considerada:

“uma maneira de deslocar o ensino de língua da gramática, da norma e da frase isolada para os processos e o funcionamento da língua em situações concretas de uso. Com base no texto pode-se trabalhar um sem-número de questões relevantes e inclusive a leitura e compreensão. Como se sabe, os textos materializam-se em formas as mais diversas e funcionam dos modos mais diversificados em situações sociais no dia-a-dia de todos nós. Essas materializações dos textos se dão em **gêneros textuais**.” (MARCUSCHI, 2006/p. 5)

2. QUADRINHOS COMO GÊNERO TEXTUAL LITERÁRIO

Nosso enfoque recai sobre as histórias em quadrinhos (HQ), um gênero textual literário que sempre foi deixado de lado no que diz respeito ao ensino, embora seja uma ferramenta que se for bem utilizada pelo professor pode render muitos frutos proveitosos no ensino/aprendizado e pode possibilitar um bom desenvolvimento em interpretação textual de um modo geral.

Segundo os PCN's (1999, p.63):

“é preciso pensar-se o ensino e a aprendizagem das Línguas Estrangeiras Modernas no Ensino Médio em termos de competências abrangentes e não estáticas, uma vez que uma língua é o veículo de comunicação de um povo por excelência e é através de sua forma de expressar-se que esse povo transmite sua cultura, suas tradições, seus conhecimentos.”

Há muita discussão em torno dos quadrinhos, principalmente com relação ao fato de ser ou não gênero textual. Neste trabalho ele é considerado como tal, conforme a seguinte citação de Marcuschi (2003, p. 25):

"**gênero textual** remete a todos os textos concretos da nossa prática diária, com características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição

característica, não sendo propriamente vinculadas a aspectos formais. Sendo assim, texto é a materialização do gênero, que por sua vez é constituído por sequências lingüísticas ou tipos de texto."

Eisner (1999, p. 57) define o gênero história em quadrinhos como uma forma de arte seqüencial, porque a HQ é uma seqüência de acontecimentos ilustrados. É uma narrativa visual que pode ou não usar textos, balão ou legendas.

Partindo desse princípio acreditamos que HQ é um Gênero Textual com estilo e características próprias, presente na nossa realidade, constituído por sequências lingüísticas de acontecimentos ilustrados, textualmente e imagetivamente, que possibilita competências comunicativas abrangentes e dinâmicas que englobam não somente gramática, mas também culturas e tradições. E esse é um conceito fundamental no que diz respeito a ensino de Língua Inglesa.

3. UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

Algumas fontes acreditam que as histórias em quadrinhos tiveram origem¹ em Londres, com Alfred Harmsworth, autor de Comic Cuts - primeira revista de histórias em quadrinhos – no ano de 1890. A referida revista apresentava mais textos escritos que desenhos, seu conteúdo era satírico-humorístico. Outras fontes já citam o autor norte-americano Richard Outcault como o pioneiro na criação do gênero, com histórias do Yellow Kid, publicadas a partir de 1897, no New York Journal, onde o autor inseria um novo elemento no HQ, o balão com as falas. Entretanto, o que importa, de fato, não é quem foi o primeiro criador dos quadrinhos, mas a parcela de contribuição que cada um deixou através de seus trabalhos.

¹ É importante ressaltar que as primeiras manifestações de fato de quadrinhos ocorreram nos primórdios da humanidade com registros de imagens rupestres feitas pelos “homens das cavernas”.

“A publicação de cartuns e caricaturas, cada vez em maior número, mostrava que já era possível estabelecer uma narrativa baseada no humor gráfico em vigência. E para que houvesse narrativa, pelo menos no sentido romanesco e/ou folhetinesco da expressão literária, era preciso que houvesse um mínimo de duas imagens ‘contando’ uma história qualquer” (CIRNE, 1973/ p.11)

No Brasil, as histórias em quadrinhos também surgem no século XIX, entretanto na época eram denominados cartuns. Em 1869, já encontrávamos em nossa literatura *As aventuras de Nhô-Quim*², de Angelo Agostini - autor pioneiro em HQs no Brasil – na revista *Vida Fluminense*. Os quadrinhos, na forma caricatural, davam seus primeiros passos no Brasil. No entanto, como foi dito anteriormente, outros países – a exemplo do Japão, Suíça, Alemanha, entre outros – já haviam iniciado sua trajetória no que se refere aos quadrinhos.

Quanto à educação os primeiros manifestos no sentido de incluir os quadrinhos como ferramenta educacional aconteceram na década de 1950, quando a Editora Brasil-América (EBAL), fundada por Adolfo Aizen começou a editar e produzir histórias em quadrinhos com um conteúdo histórico voltado para ensino.

Apesar desse pontapé inicial, o preconceito não diminuiu, mas tentativas tímidas continuaram ao longo dos anos. Na década de 1970 foram ganhando mais força por conta da ditadura militar que impulsionou os artistas e também os educadores a buscarem novas formas de ensino para evitar a alienação dos alunos.

No entanto, sua inclusão efetiva nas escolas ocorreu somente em meados dos anos 1990, quando houve uma melhor avaliação por parte do Ministério da Educação com o intuito de promover a aproximação das histórias em quadrinhos às metodologias de ensino. E hoje, o seu uso é reconhecido pela LDB (Lei de

² São consideradas as primeiras manifestações do Gênero no Brasil, embora sejam melhor enquadradas como caricaturas da vida cotidiana, não sendo vistas estruturalmente como histórias em quadrinhos.

Diretrizes e Bases) e pelos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), destacando seu uso em várias vertentes da educação, destacamos o Ensino de Língua Inglesa, onde se podem trabalhar os aspectos formais da língua: gramática, vocabulário, funções da língua, nível de linguagem, etc. Além da importância de abordar também a questão cultural e comunicativa.

Atualmente a necessidade de usar gêneros textuais literários como os quadrinhos vem se mostrando ainda maior, por isso os estudos nessa área também vêm se desenvolvendo e possibilitando que novas práticas educacionais venham sanar as dificuldades comuns no aprendizado de LE.

4. PROBLEMÁTICAS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

No Brasil, em muitas escolas, a língua inglesa figura como disciplina obrigatória, no entanto, este ensino tem, ao longo dos anos, enfrentado muitas barreiras no que diz respeito à relação ensino-aprendizagem.

São muitos fatores que corroboram para essa realidade. Entre esses, podemos mencionar a falta de estrutura física para a realização das atividades envolvidas no processo, como salas de aula adequadas, com aparelhos de som e vídeo.

Além disso, a própria formação dos professores colabora para isso, visto que grande maioria dos profissionais que atua nesta área não está habilitada para ministrar aula de Língua Inglesa, pois está em áreas adversas à língua estrangeira, e esta exercendo a atividade docente pelo fato de terem feito um curso de língua inglesa em algum instituto de idioma.

Outro fator relaciona-se a não motivação dos alunos em aprender uma língua estrangeira, doravante LE, isto acontece devido a uma postura

preconceituosa, que na maioria das vezes parte dos próprios professores e são incorporadas aos alunos. Os próprios alunos demonstram a falta de interesse em expressões como “eu não sei português, muito menos inglês”, “para que aprender inglês se eu não vou para os Estados Unidos”.

O ensino que vem ocorrendo na maioria das escolas é voltado para gramática, descontextualizado e fora da realidade dos alunos, esse fato por si só já provoca desinteresse nos alunos.

Aprender uma segunda língua não é um processo fácil, requer dedicação e interesse por parte dos alunos e professores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Para que haja essa motivação todos os envolvidos devem ter um objetivo definido. O professor deve conduzir o aluno ao aprendizado de uma nova língua, e o aluno por sua vez, deve alcançar esse aprendizado, de modo a ser capaz de dominar o idioma, pelo menos no que diz respeito às estruturas básicas escritas e de conversação, além de poder expressar sua opinião quanto aos aspectos culturais estrangeiro.

Também, o ensino deve ser contextualizado e aproximado da realidade dos alunos. Uma atitude assim poderá desenvolver neles, o interesse em aprender um novo idioma. A partir daí, o professor poderá realizar atividades diferenciadas, aulas dinâmicas com música, sons, além de recursos como as histórias em quadrinhos (HQs).

Diante disso, nós enquanto pesquisadores e professores da referida disciplina somos favoráveis ao uso de HQs no ensino de Língua Inglesa, como ferramenta capaz de auxiliar e contribuir significativamente no processo de ensino regular das escolas.

“a leitura é apenas uma das possibilidades de emprego de HQ’s no ensino. Os quadrinhos podem ser vistos como materiais que permitem a reflexão, a pesquisa e a criação, e não somente a leitura sem compromisso (...) a linguagem característica dos quadrinhos e os elementos de sua semântica, quando bem utilizadas, podem ser aliados do ensino. A união de texto e desenho consegue tornar mais claros conceitos que continuariam escondidos se limitadas unicamente à palavra”. (NAZARIO, 2009/p. 4)

A partir daí temos vários questionamentos, tais como:

- Como HQ’s auxiliam no ensino de Língua Inglesa dentro do contexto escolar?
- O que de fato acontece quando levamos tal gênero para sala de aula?
- Quais as prováveis problemáticas nesse tipo de trabalho?
- Quais as prováveis vantagens?
- Quais os cuidados que se deve tomar na escolha do material?
- Que tipo de atividades devem ser escolhidas?

Para responder então tais perguntas deve-se desenvolver métodos que privilegiem o ensino, contextualizando-o e sanando as pequenas dificuldades, ou seja, é preciso desenvolver uma prática consciente.

5. NA PRÁTICA: PRECONCEITOS E VANTAGENS

As Histórias em quadrinhos sempre foram estigmatizadas, sofrendo preconceitos e sendo excluídas de várias formas, foram deixadas de lado inúmeras vezes quando se discutia leitura, literatura, gênero. E essas discussões se tornaram ainda mais intensas quando entrou no âmbito do ensino e passou-se a considerar a idéia de usá-las positivamente dentro de sala de aula e parar de perseguir os seus assíduos leitores.

Seu principal “problema” aos olhos dos pais e professores era exatamente esse estigma que sempre associava as expressões tais como: a leitura de quadrinhos causa preguiça mental, os alunos que lêem quadrinhos não lerão mais nada, essa linguagem é errada, todos esses textos são ficcionais, está totalmente fora da realidade do aluno ou não se pode tirar nada de útil.

“O hábito de ler revistas em quadrinhos já “condenou à fogueira da Inquisição” gerações e gerações de estudantes. Os professores, quando viam as revistinhas, simplesmente as “seqüestravam” sob a ameaça de chamar os pais do estudante. Os gibis eram vistos como nocivos, porque afastavam as crianças do hábito da leitura. Quem nunca sentiu toda a ira do pai ao avistar um exemplar esquecido em algum lugar da casa? Sem cerimônia, ele simplesmente o rasgava e jogava na lata de lixo. E quantos, na ânsia de preservá-lo, juntava os pedaços e tentava colá-los como se fosse um quebra-cabeças, enquanto procurava entender o motivo de tanta raiva de um veículo que, afinal, nos abria as portas da leitura?” (RAMA E VERGUEIRO, 2004/p. 15)

Havia também a questão dos professores que desconheciam o potencial das HQs, não dominando o contexto em que poderiam ser inseridas, que tipo de conhecimento poderia ser explorado e muito menos a metodologia adequada a esse fim.

Mas felizmente a situação vêm mudando, e embora essas idéias não tenham sido totalmente desmistificadas, o avanço foi verdadeiramente significativo. Vale ressaltar que o caminho tem sido longo, cheio de conflituosas controvérsias e discussões, e então com muito esforço vem sendo quebrada, a barreira da ignorância e do preconceito e os quadrinhos tem sido cada vez mais empregados em sala de aula como aliado poderoso do ensino.

Vários fatores são fundamentais para ver positivamente os quadrinhos dentro das classes, para RAMA e VERGUEIRO entre os motivos apontados estão à

atração dos estudantes pelos quadrinhos, a conjunção de palavras e imagens, que representa uma forma mais eficiente de ensino, o alto nível de informação deles, o enriquecimento da comunicação pelas histórias em quadrinhos, o auxílio no desenvolvimento do hábito de leitura e a ampliação do vocabulário.

Especificamente no ensino de língua inglesa, as opções são ainda maiores já que uma das características típicas originais dos quadrinhos é a presença da língua que carrega uma grande quantidade de aspectos culturais e mais especificamente, os significados da língua como gírias, figuras de linguagem, ditados populares etc.

Há questões imprescindíveis dentro do ensino de língua que são perfeitamente atendidas por HQs. Os PCN's enumeram algumas dessas competências que devem basear as ferramentas metodológicas inseridas no contexto de língua estrangeira:

- Saber distinguir entre as variantes lingüísticas.
- Escolher o registro adequado à situação na qual se processa a comunicação.
- Escolher o vocábulo que melhor reflita a idéia que pretenda comunicar.
- Compreender de que forma determinada expressão pode ser interpretada em razão de aspectos sociais e/ou culturais.
- Compreender em que medida os enunciados refletem a forma de ser, pensar, agir e sentir de quem os produz.
- Utilizar os mecanismos de coerência e coesão na produção em Língua Estrangeira (oral e/ou escrita). Todos os textos referentes à produção e à recepção em qualquer

idioma regem-se por princípios gerais de coerência e coesão e, por isso, somos capazes de entender e de sermos entendidos.

- Utilizar as estratégias verbais e não verbais para compensar falhas na comunicação (como o fato de não ser capaz de recordar, momentaneamente, uma forma gramatical ou lexical), para favorecer a efetiva comunicação e alcançar o efeito pretendido (falar mais lentamente, ou enfatizando certas palavras, de maneira proposital, para obter determinados efeitos retóricos, por exemplo).

Além de destacar essas características que obrigatoriamente devem estar presentes nas aulas de Língua Inglesa, ele também aponta formas recomendáveis de realizar esse trabalho, dando ênfase nos gêneros textuais, dentre os quais encontramos as HQs.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional também existe uma indicação formal para a utilização de quadrinhos, com menções específicas para a sua inclusão. E estão ainda presentes na lista do PNBE, que compra obras de editoras e distribui a escolas de Ensino Fundamental e Médio.

O que é então fundamental? Adequação!

Como dissemos anteriormente, para que quaisquer questionamentos que surjam encontrem respostas, é preciso que o professor saiba trabalhar adequadamente, é importante que os professores se interessem e façam uso das HQs não apenas para se distrair ou como uma finalidade de passatempo, mas pensem nelas dentro de um projeto didático pedagógico, pensando todas as suas etapas de construção e permitindo assim que o trabalho seja produtivo.

Acreditamos que os problemas existem sim nesse processo de inclusão de quadrinhos no ensino de Inglês, entretanto eles podem ser sanados ou pelo

menos minimizados desde que haja um bom planejamento da aula, e uma escolha minuciosa dos textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa idéia de trabalhar quadrinhos em sala de aula surgiu do pressuposto de que não há interesse dos alunos na Língua Inglesa, e isso é efetivamente determinante para não eficácia desta prática. Resolvemos então pesquisar técnicas que se apresentassem relevantes nesse aspecto, e nos deparamos com diversas discussões relacionadas à temática, trabalhos acadêmicos, artigos, livros, seminários, enfim, um material muito extenso e enriquecedor onde pudemos desenvolver e ampliar nosso pensamento no sentido de trabalhar gêneros textuais.

Esta pesquisa nos mostra que trabalhar com quadrinhos, no âmbito escolar, não quer dizer apenas incentivar a leitura, tampouco deve objetivar apenas o entretenimento, ou até – trazendo para realidade do nosso trabalho – apenas ensinar a Língua Inglesa. Utilizar HQs é muito mais que isso. Nos quadrinhos estão embutidos não somente o trabalho com a Linguagem, mas também com a cultura de uma determinada sociedade, acrescentem-se, ainda, as ideologias, as próprias críticas sociais (sejam através das sátiras ou mesmo através de textos humorísticos). Se soubermos utilizar apropriadamente os quadrinhos, podemos não somente ensinar Língua, como também ensinar os valores sociais da cultura inglesa, o que é muito importante, pois Língua e cultura são valores intrínsecos e, portanto, devem ser trabalhados em conjunto. Some-se ainda o fato dos quadrinhos serem considerados um gênero textual literário, tanto no sentido lato quanto no sentido estrito da palavra literatura. Segundo Moacyr Cirne (1973), no capítulo *Por que ler os*

quadrinhos, as histórias em quadrinhos teriam surgido “ na primeira metade do século XIX; para alguns no Japão, por volta de 1814; para outros, na Suíça, em 1827”. Na realidade, o que importa – na concepção do referido autor – é que:

“em meados do século que viu o nascimento da fotografia e do cinema, assim como a instauração da Comuna de Paris e a do impressionismo na pintura – além do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels – , as condições editoriais para o aparecimento dos quadrinhos já estavam dadas, no bojo da revolução industrial e das novas conquistas tecnológicas no campo específico da impressão tipográfica” (CIRNE, 1973, p.11)

Escolhemos o gênero quadrinhos por apresentar-se como uma ferramenta muito rica para o ensino de LI, que torna o aluno competente quanto aos aspectos comunicativos de forma dinâmica, tanto pelo ensino da gramática, como também um conhecedor de novas culturas e tradições, pois possui uma sequência lingüística, ilustrada tanto de forma textual e imageticamente.

Além disso, o uso de HQs é embasado pelos órgãos que fundamentam a educação no Brasil como o próprio Ministério da Educação através dos PCNs.

A discussão inicia com um apanhado teórico sobre gênero textual, seguido pela ênfase nas histórias em quadrinhos como um gênero textual literário, com as suas características reforçadas por teóricos como Marcuschi, Eisner, além dos PCNs.

Em seguida, este trabalho apresenta um histórico do surgimento desse tipo de literatura, seu desenvolvimento, até chegar às formas assumidas atualmente, bem como sua introdução no processo de ensino-aprendizagem.

Também elenca as principais barreiras enfrentadas nas escolas de ensino regular no Brasil, para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem da LI. Entre estas, destaca os problemas estruturais, metodológicos e de formação profissional.

Apresenta também os preconceitos envolvidos no uso de HQs em sala de aula, como a afirmação de que constitui uma leitura inferior e descontextualizada e como o uso dessa ferramenta pode auxiliar de forma a contribuir no processo de ensino-aprendizagem.

A partir do uso consciente dessa técnica é que poderemos responder questões levantadas pelos professores quando lançam mão dessas técnicas, afirmando então que os quadrinhos podem auxiliar no ensino de Língua Inglesa dentro do contexto escolar por possuir várias características como o interesse dos estudantes, a conjunção de palavras e imagens, o enriquecimento da comunicação pelas histórias em quadrinhos, o um incentivo ao hábito de leitura e a ampliação do vocabulário.

Todavia, o que não se pode esquecer é que o papel do professor é que determinará até que ponto vai a produtividade do aprendizado dos alunos, seja usando quadrinhos ou qualquer outro tipo de prática pedagógica, a visão dele é que tem que vencer preconceitos e exercer o ensino de forma contextualizada, ou seja, aproximando ainda mais a escola da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Alexandre (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo. Editora Contexto, 2004.

BHATIA, Vijay K. 1997. *Genre Analysis Today*. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*. Tradução de Benedito Bezerra.

BRASIL, MEC. Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCEM). Volume 1: *Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias. Língua estrangeira moderna*. Brasília: MEC, 1999. pp 49-63.

CAGNIN, Antônio Luiz. *Os quadrinhos*. Editora Ática, São Paulo, 1975.

CIRNE, M. *Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

COSCARELLI, Carla Viana. *Gêneros textuais na escola*. Artigo publicado na revista Veredas on line – Ensino – 2/2007, P. 78-86 – PPG Linguística/UFJF – Juiz de Fora – MG.

DIONÍSIO, A. R. Machado e M. A. Bezerra. *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte seqüencial*. Tradução Luiz Carlos Borges. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FEIJÓ, Mario. *Quadrinhos em ação: Um século de história*. São Paulo: Moderna, 1997.

FRANCO, K. R. ; OLIVEIRA, Mônica S. L. . *As histórias em quadrinhos como gênero textual: características de um gênero híbrido*. Cadernos do CNLF (CiFEFil), v. 1, p. 1-12, 2009

GIMENEZ, Telma; JORDÃO, Clarissa Menezes; ANDREOTTI, Vanessa (orgs.). *Perspectivas Educacionais e o Ensino de Inglês da Escola Pública*. Pelotas: Educat, 2005.

JARCEM, René Gomes Rodrigues. *História das Histórias em Quadrinhos*. Publicado na revista História, imagem e narrativas. No 5, ano 3, setembro/2007 Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao5setembro2007/06-historia-hq-jarcem.pdf>. >Acesso em 21 de julho de 2009.

JUNIOR, Osvaldo Succi. *Língua e Cultura através de Histórias em Quadrinho em aulas de Língua Inglesa*. Disponível em:

<http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/5mostra/backup/5/462.pdf>
>acesso em 15 de julho de 2009.

MARCUSCHI, Luz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Gêneros Textuais e Produção Linguística*. Macapá. ILAPEC, 2006.

MATTOS, Andréa Machado de Almeida. *Estratégias de aprendizagem do professor de inglês como língua estrangeira*. Publicado na Revista Vertentes, n. 13, FUNREI, p. 151-60, jan/jun. 1999.

MENDONÇA, M. R. S. Um Gênero Quadro a Quadro: A História em Quadrinhos. In A. P.

MENEGUEÇO, Bruna. *Ensino de Língua Estrangeira vai além da gramática*. Publicado na revista Nova Escola. Edição 214/08/2008.

NABÃO, Rosangela Martins. *Um olhar sobre o gênero textual histórias em quadrinhos*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/894-2.pdf>> Acesso em 12 de agosto de 2009.

NAZARIO, Thiago. *As histórias em quadrinhos com um suporte nas salas de aula*. Recanto das Letras, 2009.

NOGUEIRA, N. A. S. Texto integral publicado nos anais do XIV Encontro Regional da ANPUH-MG/2004.

PADUA, Regina Lúcia Santos. *A construção do significado do texto em língua inglesa através de múltiplos olhares*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1004-4.pdf>.> Acesso em 18 de agosto de 2009.

PAIVA, V. L. M. O. *Linguagem, gênero e aprendizagem de língua inglesa*. Apresentado no II SIGET - Seminário Internacional Gêneros Textuais, Santa Maria, 2005. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/ligiap.htm> Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996

RAMA, Ângela e VERGUEIRO, Waldomiro (orgs). *Como usar HQ's na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo. Editora Contexto, 2009.

RASSY, Gabriela. *Existe preconceito contra o uso de histórias em quadrinhos nas escolas?*, 2009. Disponível em: <http://bravonline.abril.com.br/conteudo/assunto/existe-preconceito-uso-historias-quadrinhos-escolas-484296.shtml>> Acesso em 21 de agosto de 2009.

SOBRINHO, Vanessa Cassia e GAZETTA, Ms. Sonia Mastrocolla. *História em quadrinhos como gênero textual*. Unasp, Campus Engenheiro Coelho, São Paulo, 2007.

SOBRINHO, Vanessa Cassia. *História em quadrinhos como gênero textual e o desenvolvimento do aluno do ensino fundamental*. Unasp, Campus Engenheiro Coelho, São Paulo – São Paulo, 2008.

STUTZ, Lídia; BIAZI, Terezinha Marcondes Diniz. *A construção de seqüências didáticas com o gênero tiras em quadrinhos no ensino de LI*. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/69.pdf>> Acesso em 10 de julho de 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Tipologias textuais literárias e lingüísticas*. 2004 SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 146-158.

ZIRONDI, M. I. *Histórias em quadrinhos em sala de aula de línguas: um instrumento para ensino/aprendizagem*. In: Simpósio Nacional de Estudo dos Gêneros Textuais, 2005.

APÊNDICE

- **APLICAÇÃO PRÁTICA**

Inicialmente discutimos com a professora prováveis temas para explorar no estágio e decidimos então trabalhar quadrinhos por considerarmos um gênero textual literário que vem sendo deixado de lado no que diz respeito ao ensino de língua inglesa, embora seja uma ferramenta que se for bem utilizada pelo professor pode render muitos frutos no ensino/aprendizado e pode possibilitar um bom desenvolvimento em interpretação textual de um modo geral, principalmente leitura e escrita.

Fizemos então um levantamento bibliográfico sobre a temática buscando sanar algumas dúvidas, levantar questionamentos pertinentes, embasar teoricamente nossa ideia.

A partir daí e de mais pesquisas teóricas fizemos a primeira parte do nosso projeto de oficina, determinando o nosso público alvo que é 8ª série do Ensino Fundamental, o local em que a realizaríamos que foi a Escola Estadual Francisco Valcy Lobato Lima, o foco do nosso trabalho que foi quadrinhos para trabalhar as habilidades de leitura e escrita em Língua Inglesa.

Elaboramos então o nosso plano de aula que foi revisado pela e devidamente refeito até nosso projeto final, onde incluímos objetivos, recursos didáticos e procedimentos metodológicos.

Providenciamos o material que utilizaríamos que foram textos da Turma da Mônica de Mauricio de Souza (em inglês Monica's Gang) e nos programamos para a prática da oficina.

No dia marcado fomos então para a sala 811 da escola sob a supervisão da professora de língua inglesa da turma.

Inicialmente nos apresentamos, fizemos algumas perguntas de sondagem e expusemos nossa idéia. Colocamos a importância do uso dos quadrinhos, sua relevância, seus aspectos positivos que podem ser explorados, tentando sempre manter um clima de diálogo com a turma.

Perguntamos quais eram seus quadrinhos favoritos, expusemos também algumas peculiaridades como a fala do Cebolinha que em português troca o “R” pelo “L” e em inglês troca o “R” pelo “W”.

Entregamos as cópias do texto em inglês e pedimos que lessem levando em consideração não somente texto como também imagens, perguntamos o que entenderam, entregamos as cópias em português procurando relacionar a compreensão deles baseada em seus conhecimentos da língua mas também pelo contexto imagético.

Fizemos com que eles apontassem no texto a temática gramatical que vinha sendo trabalhada pela professora que era Past Tense: regular and irregular verbs. Reforçamos o assunto e tiramos algumas dúvidas que eles ainda tinham acerca do assunto.

Propusemos a atividade de fixação com quadrinhos sem fala, acompanhado de uma versão em inglês onde pudessem produzir um texto de acordo com sua compreensão.

O resultado foi muito produtivo, depois de alguns minutos 21 dos alunos fizeram a o exercício com êxito, apresentando alguns pequenos problemas de coesão, mas sem problemáticas de coerência. Eles pareceram gostar bastante da

atividade, demonstrando interesse e participação ativa com questionamentos pertinentes.

Depois que recolhemos o material, entregamos o questionário que possibilitou um levantamento do cotidiano e interesses da turma, além de constatar como eles avaliaram nosso trabalho.

Dos 31 alunos da turma:

- 23 responderam ao questionário;
- 8 não se manifestaram;
- Idade entre 13 e 17 anos;
- 19 do sexo feminino;
- 4 do sexo masculino;
- 2 alunos apresentaram contradições em suas respostas, o que anula sua opinião;
- 23 afirmaram nunca ter trabalhado com quadrinhos em sala de aula;
- 3 responderam que não gostaram;
- 18 gostaram da atividade e gostariam que fosse realizada mais vezes;

Como sugestões de prováveis ferramentas utilizáveis como técnicas de ensino tivemos as seguintes sugestões: filmes, gincanas, músicas, debates, passeios, caça-palavras, leituras em grupos, fábulas, teatro e pesquisas.

Consideramos muito produtivo nosso trabalho e conseguimos alcançar nossos objetivos, envolvendo a turma em uma prática pedagógica diferente e interessante que é o uso de quadrinhos.

ANEXO 1

Comic Cuts de Alfred Harmsworth.

ONE HALFPENNY. PICTURES, PRIZES, JOKES. ONE HALFPENNY.

1d.
2

Comic Cuts.

1d.
2

No. 1. Vol. I.]
ONE HALFPENNY WEEKLY.
[May 17, 1890.

THE STRONG MAN FRAUD:
OR, THE 1000 LB. AIR-BALL.








"You women don't know how to hang pictures—takes a man to do it!"



"I think I'll put it here, or— a little further over."



"A trifle further put—this is the spot; now just hand me a hook and some string, and I'll have this picture up in a jiffy. I tell you, I understand hanging pictures right down to the—"

—ground!"



THE LATEST BOTANICAL DISCOVERY.
THE BLOOMING FOOT.
(Grown in England.)

BY HOOK AND CROOK.

"O, you may laugh, but it's a great deal better way than the old-fashioned one toward his neck."



THE JOYS OF THE SUBURBANITE.



This style of breakfast is known as the Suburban 8:15 a.m.

WHY TIMPKINS IS GOING TO MOVE AGAIN.



Timpkins said (last September) "I've moved to Chingford. Awfully jolly place; fine fresh country air; splendid walk to the station and back; making a man of me." His friends said nothing; they were plotting Timpkins to the water.



Timpkins's splendid walk in October.



And in December.

JUBILEE CENTENARY
POSTAL MAIL
MILITARY NUMBER.

NOV 30
 XMAS
 BER 31
 1914

Comic Cuts. 1d.

ONE HUNDRED LAUGHS FOR A HALFPENNY.

No. 217. [Illustration] ONE HALFPENNY WEEKLY. [Illustration] (PUBLISHED IN 1914.)

WHO DID HE MEAN?

ON PARADE.

FROM THE RAW MATERIALS.

THE ASSASSIN BRAND.

TOMMY ATKINS AND JOHN EULL.

TOMMY IN THE WARS AGAIN.

121

Comic Cuts 346, 16 December 1914

RAT & ROCKETEERS

Certified to follow
 No. 3 of 8 Flowers

COMIC CUTS 1d. ALWAYS FUNNY—WORTH THE MONEY!

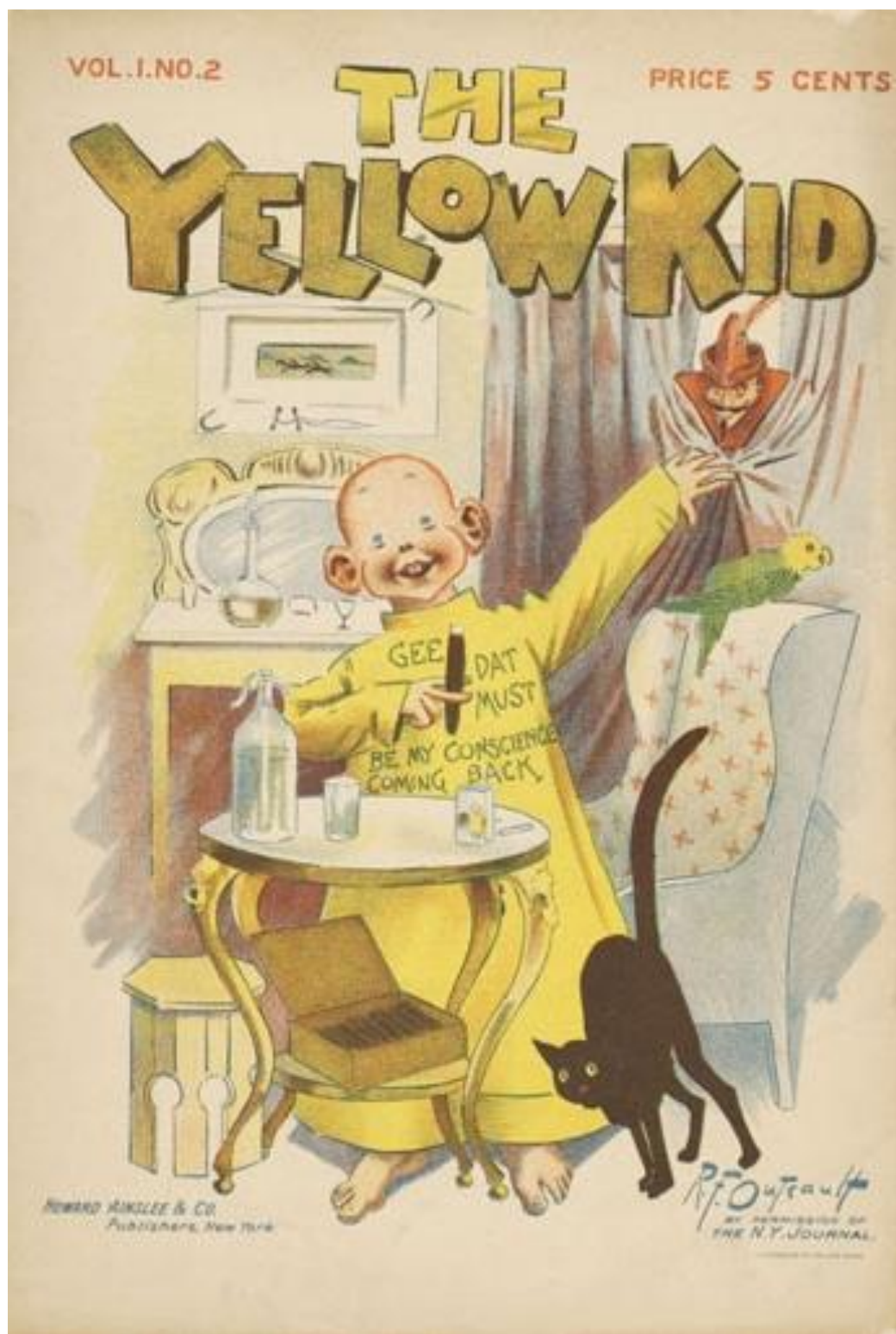
Comic Cuts

No. 121. [Illustration] EVERY MONTHLY [Illustration] No. 3 of 8 Flowers

THE SKE-SPLITTING ADVENTURES OF JIMMY TOM THE NERBY NEWSBOY'S MAX.

ANEXO 2

Yellow Kid de Richard Outcault.





ANEXO 3

As aventuras de Nhô-Quim de Angelo Agostini.

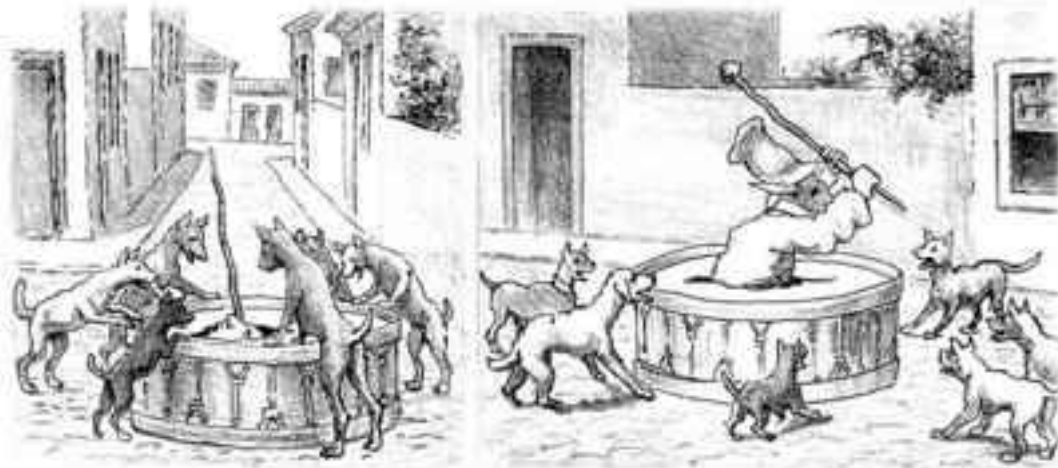


AS AVENTURAS DE
NHÔ-
QUIM
É
CAIPORA

Os Primeiros Quadrinhos Brasileiros
1869 – 1883

Pesquisa, organização e introdução
Athos Eichler Cardoso







Nhõ-Quim decide-se a deixar os lares paternos. Cobrem-no de beijos, abraços, conselhos e bênçãos!



Montado no cavalinho ruço, diz o nosso herói o último adeus!

